

Terreiro da Misericordia em Guimarães

Está situado este terreiro, presentemente, no coração da cidade, proximo da grande praça do Toural. Outr'ora era contiguo ás muralhas e á porta chamada da *Villa*, que desappareceu ha muito, deixando o nome ao logar que occupava, que é a boca de uma das ruas por onde se entra na dita praça do Toural.

Começando-se a edificação da egreja da Misericordia no anno de 1585, na rua Sapateira, que vae da *praça Maior*, onde se ergue a antiquissima egreja da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, até á *porta da Villa*, resolveram os irmãos d'aquella santa confraria fazer um largo em frente do templo que andavam construindo. Compraram, pois, varias moradas de casas com seus quintaes, e obtiveram outras, como esmolas, dos seus proprietarios, para tão santo e caridoso instituto. Foi no terreno d'essas casas e quintaes que se fez o *terreiro da Misericordia*.

O templo teve por principal fundador a Pedro de Oliveira, natural de Guimarães; porém a confraria já existia muito anteriormente ao começo d'esta obra, e congregava-se no claustro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, na capella de S. Braz, que ficou com o nome de *Misericordia Velha*.

Não é notavel a egreja por bellezas architectonicas ou riquezas de ornatos. Exteriormente é um dos muitos edificios de pesadas fórmas e desengraçados ornamentos, que a architectura classica, ou do *renascimento*, levantou em o nosso paiz. Interiormente o que tem de melhor, artisticamente fallando, é a obra de talha doirada que lhe guarnece as suas capellas. Tem junto a si o hospital dos expostos.

Ao sair da egreja dão os olhos de frente no formoso painel que a nossa gravura representa. É um lindo e pittoresco apinhoado de edificações de differente genero, e de variados typos de architectura, coroadas, ou divididas e orladas de arvoredo.

No pavimento do terreiro vê-se, do lado direito, uma fonte e uma capella, ou paço do Senhor Jesus; e no fundo um palacio de bom prosperto, propriedade e morada do sr. Manuel Coelho da Motta Prego. Esta casa, edificada ou reconstruida no seculo passsado, não chegou a concluir-se. Devia crescer sobre o pateo onde tem o portão de entrada, e rematar em uma torre egual á que lhe fórma o angulo opposto.

Na parte mais alta da gravura avultam dois grandes monumentos da antiguidade: o castello da condessa D. Mumadona, onde tiveram a sua corte o conde D. Henrique de Borgonha, e sua mulher a rainha D. Theresa, e onde nasceu o nosso primeiro rei; e o palacio dos duques de Bragança. Já tratámos d'estes monumentos em outro logar. [1] A fachada do palacio, que a estampa representa, é a unica das suas quatro frontarias que se conserva toda de pé e com telhado. Esta parte do edificio serve de quartel ao batalhão ou destacamento que costuma estacionar em Guimarães. Para este fim tem tido diversas reparações e recon-

[1] Vid. pag. 33 do vol. IV, e 204 do vol. V.

strucções parciaes, em que lhe alteraram alguma coisa as suas feições primitivas.

A gravura que publicâmos é copia de uma excellente photographia do sr. Seabra. Este cavalheiro, filho do digno par o sr. Antonio Luiz de Seabra, tem prestado um verdadeiro serviço ás artes e ao paiz, dedicando-se com applicação e zelo ao estudo da photographia, em que tem adquirido notavel aperfeiçoamento, procurando colligir nos seus trabalhos photographicos os principaes monumentos, as povoações mais importantes, os logares historicos e paizagens pittorescas do reino, e com especialidade das provincias do Minho e da Beira. As suas photographias até hoje publicadas constituem já uma grande collecção, que honram o artista pelo merito do trabalho, e muitas tambem que fazem honra a Portugal pelos objectos que representam, uns ricos de arte, outros riquissimos de tradições gloriosas, e não poucos cheios da formosura e das graças mais risonhas com que a natureza, quando prodiga, costuma adornar os seus quadros.

O sr. Seabra offereceu a suas Magestades, o sr. D. Luiz I, e sra. D. Maria Pia de Saboya, por occasião da visita que fizeram ao Minho no outono passado, um lindo album das suas photographias. Faremos conhecer aos nossos leitores alguns d'estes trabalhos, posto que a gravura em madeira mal póde dar idéa das miudezas que a photographia deixa ver com toda a clareza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

OS MAUS GRACEJOS

I

Um rapaz em trajos de viagem, e com um pacote de caixeiro ambulante debaixo do braço, estava encostado á pedra de um fogão de sala, defronte de uma senhora que deveria ter uns quarenta annos, pouco mais ou menos, e cujas mãos elle apertava supplicando.

— Promette-me, minha irmã, velar por Victorina durante a minha ausencia?

— Pois não tenho sido eu quem a tem educado e cuidado até agora? — respondeu-lhe ella.

— Bem sei, Maria, bem o sei. Agora, porém, é minha noiva, e tenho-lhe tanto amor, que, mesmo sabendo que fica na sua companhia, vou com cuidado.

Maria fez um gesto de escandalisada.

— Não se offenda das loucas preoccupações de um apaixonado, replicou o rapaz rindo-se; mas a ausencia é sempre uma provação, uma especie de jogo de azar; quando não estamos juntos das pessoas que estimâmos, parece-nos que estão sempre correndo grandes perigos; não é por confiar pouco nos seus cuidados, mas por desconfiar da sorte, que eu temo.

— Que pódes recear? D'aqui a tres mezes estás de volta, e em quanto por lá andares passará Victorina o seu tempo, como até agora, entre as minhas discipulas, dando lições, corrigindo themas e fazendo bordados. As tuas cartas serão os unicos acontecimentos extraordinarios que lhe poderão vir perturbar a serenidade da sua existencia. E d'ahi, bem sabes que o casamento não se podia fazer ainda sem a resposta de seu irmão.

— E não receia que possa haver algum obstaculo por esse lado?

— Nenhum. O sr. Bernardo trouxe-me, vae para uns dez annos, sua irmã Victorina, pedindo-me que a educasse. D'essa occasião para cá tem voltado sempre de seis em seis mezes, mas para se demorar alguns dias só. Na antepenultima viagem disse-lhe que sua irmã já sabia o que se ensinava n'este collegio. «Não tem duvida, disse-me elle, aqui vive feliz, cercada de pessoas que a estimam, e em boa companhia; continue a cuidar n'ella como se fosse sua filha». E trata de lhe arranjar casamento? — pergunteilhe rindo-me.

«Se encontrar um homem a quem ella ame e que seja digno d'ella, respondeu-me elle, acceitarei ás cegas a escolha que fizer».

— E por felicidade, poucos mezes depois cheguei da minha grande viagem aos Estados-Unidos... paiz de moral e de quebras fraudulentas! E se venho mais tarde podia encontrar o logar tomado, e então onde iria eu encontrar outra Victorina?

— Caluda, eil-a.

Uma menina, que devia ter dezoito annos de edade, entrava n'esta occasião. Não era formosa; tinha, porém, no olhar uns relances que significavam intelligencia e sensibilidade ao mesmo tempo. Correu para a irmã do caixeiro, e mostrou-lhe uma carta que acabava de receber.

— É de seu mano? — perguntou Bento com vivacidade.

— Exactamente.

— E então que respondeu?

Victorina córou e disse:

— Pergunte a sua mana.

Esta acabava de ler a carta.

— O sr. Bernardo consente.

Bento soltou um grito de alegria.

— Que bom irmão! Que excellente irmão! — disse dando reviravoltas e atirando com o chapeo ao ar.

— Mas tu não o conheces, disse-lhe a irmã.

— É o mesmo, interrompeu Bento loucamente, amo-o, adoro-o!

— E tem razão, accrescentou Victorina com seriedade, porque não ha ninguem n'este mundo que o possa egualar em ternura, em coragem e em dedicação. Se pude receber n'esta casa educação superior ás minhas esperanças, é a elle que o devo.

— É verdade, replicou a dona do collegio, não havia sacrificio algum que lhe parecesse de mais quando se tratava de completar os estudos de sua irmã: e agora mesmo falla aqui n'esta carta n'um dote em que nem meu irmão nem eu tinhamos pensado.

— Dote! — atalhou Bento rapidamente — Não preciso de dote! Os meus patrões metteram-me de sociedade com elles; agora sou dos *Renaud & C.ª*; é mais do que o bastante para vivermos felizes.

— Resolva essa difficuldade com meu irmão, disse Victorina sorrindo-se.

— Quando vem elle?

— D'aqui a tres mezes proximamente.

— E não m'o dizia, exclamou o caixeiro ambulante. Dava já um anno da minha vida para ver passados estes tres mezes. Um anno, digo eu, dois, tres.

— Devagar, devagar, disse-lhe Victorina a meia voz, está dispondo de um tempo que já lhe não pertence.

— É verdade, exclamou Bento tomando as mãos da sua noiva; pois esperaremos, teremos resignação... visto que não ha outro remedio. Mas que pena não ter eu que fazer para os lados de Lille; encontrava seu mano: mas o meu negocio é para a banda de Tolosa e de Marselha. Ahi está uma das difficuldades mais sérias da vida. Eu votava um premio a quem descobrisse o meio de conciliar os pontos cardeaes com as affeições.

— Em quanto se não faz esse descobrimento, vae tratando de conciliar as tuas despedidas com a hora da partida da diligencia, observou a irmã de Bento, que estava consultando o relogio com a vista; são horas e já tomaste logar.

— Tem razão, replicou Bento suspirando, sou uma

especie de judeu errante, não posso parar nunca. Vou tornar a ter a minha vida de annuncio vivo, os meus ares de amostra e a minha linguagem de cartaz.

— Mas deixa ficar o teu mau costume de gracejar com todos, recommendou-lhe a irmã.

— Deixe, deixe, insistiu Victorina; só os maus é que querem ter graça escarnecendo.

— Mas a gente não ha de rir o seu bocado? — ponderou Bento.

— De certo que sim, mas não á custa dos outros, disse-lhe a irmã. Que prazer se póde encontrar em atormentar uma pobre intelligencia coxa ou ignorante? Censuras o que insulta uma enfermidade do corpo, e não duvidas insultar uma doença da alma.

— Não torno mais, affirmou Bento, ainda que não seja senão para lhe não ouvir as reprehensões.

Ditas estas palavras, despediu-se de sua irmã, e, dando um beijo na mão de Victorina, disse-lhe com voz enternecida:

— Adeus, Victorina, sê feliz, mas pensa em mim.

— Esperar-te-hei, murmurou a rapariga.

Bento não póde responder; apertou-a de encontro ao peito, deu-lhe um beijo na testa e partiu.

II

A conversação que referimos no capitulo antecedente póde dar ao leitor idéa do genio de Bento; todavia encontravam-se n'elle contrastes de tal ordem, que faziam pasmar á primeira vista.

Posto que a sua sensibilidade não podésse ser posta em duvida, escondia-a a maior parte das vezes, e diligenciava escapar do enternecimento por meio de um gracejo. Cheio de dedicação pelos seus similhantes, de respeito pelo bem, e de fé no cumprimento dos deveres, affectava scepticismo, como se tivesse de ter pejo das suas crenças. N'uma palavra, havia n'elle dois individuos: um bom e sympathico, era o verdadeiro; o outro ironico, desconfiado, conhecedor do mundo, era a mascara, era a representação de um papel estudado.

Devia principalmente o mau costume de escarnecer os outros, coisa que por fim endurece o coração, á companhia dos outros caixeiros ambulantes, que se via obrigado a frequentar. Tinha adquirido entre elles, com pouca difficuldade, uma especie de reputação de engraçado, da qual sua irmã e Victorina haviam pretendido desgostal-o. Mas a gloria dos triumphos tinha-o por vezes deslumbrado, posto que depois reconhecesse a justiça das censuras de sua irmã; porém as ultimas recommendações de Victorina decidiram-n'o a tomar mais conta em si; queria, quando voltasse, poder-lhe contar tudo sem vergonha nem embaraço. Os primeiros dias da viagem foram consagrados todos ao negocio e á idéa da felicidade que o esperava; ia só, e na solidão estava entregue sempre ao dominio do seu genio. Em Orange sómente é que encontrou alguns caixeiros ambulantes, que seguiam o mesmo caminho. Um d'elles, chamado Henrique, era o seu mais enthusiasta admirador. Mal viu Bento, soltou logo uma exclamação de jubilo.

— Eil-o! não tem duvida nenhuma, é o grande cassoador, preparem-se, meus senhores, vamos tomar pelles de riso.

— Has de me desculpar, disse Bento, já larguei o officio. Agora acho talento nos parvos, e deixo os satyricos á mangedoira roendo o que lhes cáe a dente. Aconselho-te que faças o mesmo; cada um deve amar o seu similhante.

— Não o ouvem? disse Henrique, está-se exercitando commigo: anda, não me poupes. Aqui me tens ás tuas ordens.

— Não sei para que! Não desenho caricaturas.

— Mais. Palavra de honra, é admiravel! Tem resposta para tudo. Participo-te que te raptâmos.

— Não póde ser, vou para Avinhão.

— E nós tambem.

— Visto isso viajaremos juntos.

— E de caminho inventarás alguma d'aquellas brincadeiras divertidas... como aquella historia da gallinha cozida.

— Que me custou uma estocada.

— Sim, mas quanto rimos! E a historia do frasco das ginjas?

— Por amor do qual ia o dono partindo uma perna.

Concertaram-lh'a logo: agora concertam-se as pernas tão depressa como as botas. Mas segundo me parece não estás tão disposto á cassoada como d'antes. Sabes que ando agora ao serviço da casa *Jacob & Companhia*.

— Que inventou os *vinhos de Noé?*

— Exactamente. Verdadeiro nectar.

— Proveniente da arca e fabricado com as aguas do diluvio.

— Pois não! feito de uvas do meio-dia: mas bem vêem, meus senhores, como elle discorre! Está em veia. E eu que o conheço, quando lhe chega a occasião, sei tirar-lhe boas petas, mesmo sem elle querer. Ouvem a sineta? vamos jantar, e depois diligencia e ávante.

Entraram todos para a casa de jantar e sentaram-se á mesa, que já estava posta.

Os elogios de Henrique e as gargalhadas dos seus companheiros tinham despertado no nosso caixeiro ambulante o seu genio zombeteiro. Estava sentindo uma necessidade pueril de sustentar a reputação que lhe tinham formado, e de dar uma prova da sua habilidade: o acaso não tardou em fornecer-lhe occasião.

Estava o jantar quasi acabado quando entrou um viajante novo. O criado da hospedaria quiz pôr-lhe um talher na mesa geral; elle porém declarou que tomava um caldo só, e foi sentar-se a uma mesa pequena que estava n'um canto escuro da casa.

— Aqui tem um ratão a quem os caldos tem feito proveito, disse Henrique, mostrando o recemchegado.

Este era effectivamente de uma gordura prodigiosa, e de tal maneira apparecia embrulhado n'uma camisola de ganga azul, que fazia lembrar aquelles bonecos de feira que saltam de dentro de uma caixa, quando se lhe ergue a tampa.

Os caixeiros todos não poderam deixar de soltar uma exclamação.

— Não póde ser um homem, disse um d'elles.

— Então o que ha de ser? Algum manequim representando a terça feira gorda.

— Talvez seja o pae dos meninos gordos.

— Nada, não, não é nada d'isso, eu conheço-o.

— Então quem é?

— É, disse Bento, o celebre aeronauta Green, o qual para poupar as despezas do transporte viaja com o balão debaixo da camisola.

Soltaram todos uma gargalhada.

O desconhecido adivinhou de certo a causa, porque se fez córado e atrapalhou-se. N'esta occasião entrou o moço com o caldo e poz-lh'o na mesa, com um certo desdem.

— O senhor não quer mais nada, perguntou-lhe?

— Não, respondeu-lhe o gorducho.

O rapaz encolheu os hombros e afastou-se.

— Sabes o nome d'aquelle hippopotamo, perguntou-lhe Henrique a meia voz.

— É um vendilhão de fitas e rendas chamado João Luiz, vem aqui todos os annos pelo tempo das feiras.

— E não toma senão caldos?

— Mais nada, por sovinaria. Não é por ter necessidade, dizem que está muito bem; mas é um miseravel que se sustenta a pão e queijo para juntar dinheiro.

— Ainda bem, disse Bento, que se sentiu mais á

vontade, quando soube que a sobriedade do desconhecido era proveniente de um defeito e não da falta de meios; n'esse caso estimarei muito divertir-me alguma coisa á custa do senhor João Luiz.

— O senhor fazia-nos grande favor se conseguisse, que elle não voltasse mais a esta casa.

— Devéras?

— Toma logar, dá mau exemplo, e faz muito pouca despeza.

— Então vamos entrar com elle a contas, disse Bento levantando-se da mesa.

— Attenção, meus senhores, exclamou Henrique saltando de alegria, ides ver a amostra do que elle sabe fazer; mas estejam socegados e riam de feitio que os não oiçam. É preciso não espantar a caça.

Bento aproximára-se de João Luiz com o chapeo na mão, e comprimentára-o respeitosamente.

O gorducho desconfiado correspondêra ao comprimento com uma certa inquietação.

— Peço-lhe muitas desculpas por vir tiral-o das doçuras do seu caldo, disse o caixeiro; desejava, porém, que me fizesse um favor.

— Eu? — perguntou-lhe João Luiz.

— O senhor mesmo.

O bofarinheiro sentou-se, como que annunciando estar prompto para ouvir, e Bento proseguiu:

— Desde que o senhor entrou n'esta sala não tenho deixado de admirar o desenvolvimento prodigioso da sua corpulencia.

— Senhor, interrompeu João Luiz córando.

— Não o negue, replicou Bento, foi de certo em virtude de alguma receita particular que adquiriu essa nutrição, que já excede todos os limites conhecidos; vinha ver se o senhor me queria vender a receita.

— Para que? — perguntou o feirante.

— Para a applicar á engorda do gado.

Uma gargalhada geral interrompeu o gracejador, soltada pelos que tinham ficado á mesa de Bento. João Luiz levantou-se.

— Comprehendo, disse-lhe. Foi aposta de certo. O senhor apostou que havia de metter a ridiculo uma enfermidade de que Deus o livrou. Ganhou a aposta, póde ir receber o dinheiro que tiverem depositado.

E tomando o chapeo e o chicote, saíu.

— Tomou a coisa a boa parte, disse Bento, e é preciso confessar que para homem de similhante largura não deixa de ter sua graça.

(Continua)

JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO DE SOUSA

(ACTOR BRASILEIRO)

O theatro no Brasil ainda não é o verdadeiro theatro nacional. Tão assolado anda com a incessante invasão franceza, que apenas respira de longe em longe, e isso mesmo devido a alguns espiritos patrioticos que o alentam de quando em quando.

Apesar de se ter dito e repisado que a nossa historia não offerecia elementos para uma litteratura verdadeiramente brasileira, cogitava eu no modo por que se havia de lançar um desmentido solemne a tal affirmativa. Não era por certo um nome obscuro, e que apenas começava timidamente a manejar a penna, o mais adequado para dizer ao mundo litterario, que, tanto a nossa historia como os nossos costumes, offerecem um campo immenso em que se podem arraigar as arvores que mais tarde hão de brotar os sasonados fructos da litteratura brasileira. Não por certo.

No livro recentemente publicado pelo sr. Mendes Leal Junior, o *Calabar*, romance historico brasileiro, podem hoje ver todos quão mal avisados andam aquelles que negam os fundamentos da nossa litteratura. Não é só o facto de ser o *Calabar* um romance brasileiro que vem corroborar a nossa opinião; é tambem o prefacio d'essa mesma obra, onde o inspirado auctor dos «Homens de Marmore» discute larga e magistralmente ácerca da nossa historia, e deixa patente a incuria e demasiada preguiça dos bons talentos d'esta terra, que não cultivam, que abandonam tão inesgotaveis terrenos.

Essa prefação do illustre poeta tem para nós o cunho de um appello aos brios nacionaes. Vergonha é que seja um estrangeiro que se empenhe em mostrar que podêmos e devemos lançar mão do que é nosso, e deixarmos o que é de outros povos. Felizmente já não é licito duvidar que a regeneração litteraria ha de necessariamente vingar no nosso paiz. Só espiritos scepticos poderiam contestar o muito que para isso se tem feito. Ás tentativas lyricas do nosso poeta mais festejado, Gonçalves Dias, succederam outras não menos felizes, já no romance, já na poesia, e tambem no drama. Romances podem-se apontar alguns de muito merito: *As memorias de um sargento de milicias. O Guarany. As minas de prata;* são trabalhos que grangearam aos seus auctores fama inextinguivel. Além d'estes ainda, a *Moreninha* é um modelo de costumes familiares postos em acção com habilidade não vulgar.

Na poesia Porto-Alegre, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, são nomes gloriosos que hão de ficar perduraveis nos fastos da historia litteraria do Brasil.

O drama é que tem caminhado com mais vagar. Todavia, póde-se dizer que os alicerces estão lançados. Depois da tragedia *Antonio José*, uma das boas composições que produziu o auctor dos *Suspiros Poeticos;* depois das inimitaveis comedias do *Pena*, talento esplendido que a morte veiu anniquilar tão cedo, appareceram: a *Mãe*, drama que por si só vale um poema de dedicação maternal; o *Demonio familiar*, que tão festejado foi do publico; *a historia de uma moça rica: Os mineiros da desgraça: a Omphalia: Luxo e Vaidade:* e poucos mais.

Sem estimulos e sem outra recompensa mais que o triumpho ephemero de uma noite, essas composições tem ido todas á scena. Bem ou mal comprehendidas pelos actores, tem agradado e satisfeito o publico esperançoso.

Não cabe nos estreitos limites d'este escripto, discutir largamente o desenvolvimento da litteratura de uma nação, nem esse é o nosso proposito. Veiu a pello fallar n'estes dramas, para dizer o muito que Joaquim Augusto concorreu para que fossem representados, estimulando assim a coragem de muitos talentos que de dia em dia vão apparecendo n'esta boa terra.

É tarefa espinhosa, e ainda mais entre nós, escrever para o theatro; e o pouco que n'este genero possuimos é devido a alguma vocação prodigiosamente vigorosa, ou ao incentivo de um actor tal como Joaquim Augusto, que ama a arte de coração, e que vive exclusivamente para ella. Agora está prestes a erguer-se o theatro da lethargia em que até aqui tem jazido; e cremos que despirá os girões francezes que tanto o tem desfigurado.

II

Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa nasceu no Rio de Janeiro a 6 de julho de 1825. Seu pae, João Thiago de Sousa, era um pobre e honrado alfaiate. Todavia recebeu Joaquim Augusto a instrucção que n'aquelle tempo se exigia para o commercio. Tinha apenas doze annos quando foi para caixeiro. Ha um logar commum na vida de todos os artistas; é a má estrella que os acompanha do berço á sepultura. É desnecessaria

sario saber o que foi Shakspeare quando se tem lido a vida de Tasso. Gilbert, o louco do hospital, não é porventura Bernardim Ribeiro, o doido da casa real? Quem conhece Byron que se não lembre com lagrimas de piedade da existencia miserrima de Espronceda?

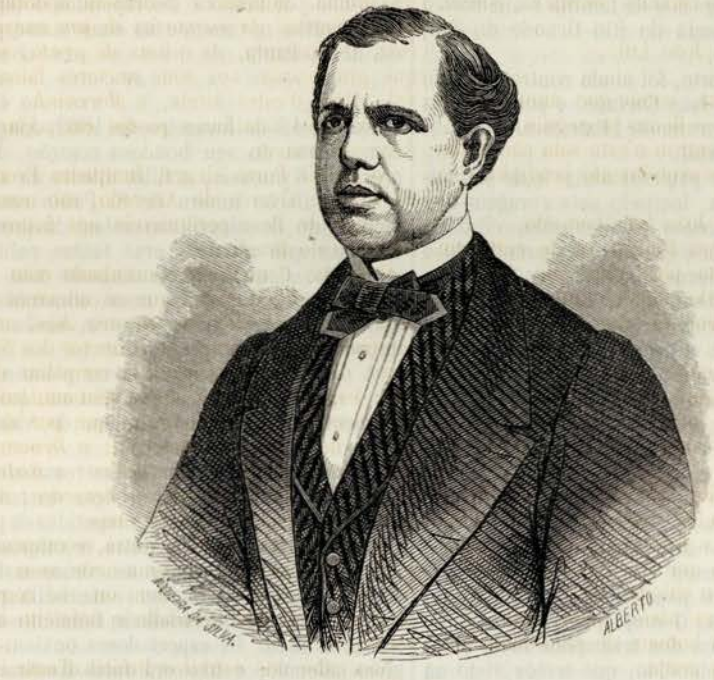
Joaquim Augusto teve uma bem triste vocação — a da arte. Levando uma vida martyrisada entre os maus tratamentos do *patrão*, quasi *senhor* n'aquelles tempos de calamitosa memoria, e as transacções pouco escrupulosas da usura, já sentia a mão fatal do destino a arrastal-o para uma carreira muito mais espinhosa e incerta — a de actor.

Não se póde descrever o contentamento, quasi delirio, com que Joaquim Augusto se lançou n'esse aventuroso estádio. Corria o anno de 1841, anno em que, como todos sabem, o espirito publico se occupou mais de negocios politicos que de litteratura. As vistas do governo estavam voltadas para as scenas do drama da revolução que se ensaiava, e que mais tarde foi representado com grandes vexames para o paiz. N'esta conjunctura, a protecção que recebiam as emprezas dramaticas era nenhuma. Todavia, Deus sabe com que difficuldades se construiu o pequeno theatro de S. Francisco, onde devia entrar como emprezario o insigne actor brasileiro João Caetano dos Santos.

Ahi se estreou Joaquim Augusto.

Dizem os inglezes que os maus principios são agoiro dos bons resultados. O actor novel, depois de quatro mezes de baldados esforços, foi despedido «por não prestar para nada.» Palavras do emprezario!

Eil-o de novo a luctar com o infortunio e com o desalento. Mas o fogo sagrado do genio não se extingue. Ha dentro em nós uma voz occulta que nos remonta o animo, por mais abatido que esteja, da mesma sorte que a harmonia dos sons eleva o espi-



Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa

rito ás regiões do bello e do grandioso. Como certos combustiveis, em que é tanto maior a explosão quanto mais comprimidos estão, a luz da intelligencia brilha mais quando rompe as densas nuvens que tentam eclipsal-a.

Joaquim Augusto, para se alimentar, lançou mão do trabalho de pintor, e aproveitava as noites em copiar partes para os theatros. Embora tirasse pouco lucro d'esse trabalho nocturno, era-lhe grata e suave occupação, porque lhe aperfeiçoava o gosto que tinha para a arte dramatica. Não sei por que circunstancia inexplicavel o mesmo theatro de S. Francisco o chamou para contra-regra. O que é certo é que acceitou este emprego com alegria. A empreza, porém, quebrou sem pagar as dividas, e o actor João Caetano, refugiando-se no theatro de Nitheroy, chamou o ex-contra-regra para fazer parte dos coros de sua companhia.

N'aquelle tempo gritar muito e decorar pouco era a brilhatura do actor. Joaquim Augusto decorou, mas tambem gritou como se conjurasse as furias do inferno. O applauso das platéas estimulou ainda mais a valentia dos seus pulmões. No drama *Arthur* foi que o seu talento, ainda tão inculto, mais sobresaiu. Proclamado actor de primeira força, pois que o era pela vocação, foi contratado para a provincia do Rio Grande do Sul, onde teve a mais benevola recepção. Isto em 1845. Quatro annos depois voltava á corte, e entrava no theatro de S. Januario, onde foi constantemente applaudido. Assim desmentiu o brutal agoiro *de não prestar para nada.*

III

A declamação no theatro brasileiro vae a capricho das disposições naturaes de cada actor. A falta de ensino theorico, precedendo a carreira do artista, é sensivel; e a não ser algum talento privilegiado, como João Caetano ou Joaquim Augusto, é lamentavel a maneira por que se vêem dialogar por ahi as scenas dos melhores dramas de todas as escholas.

A apparição de Emilio Doux no Rio de Janeiro teve o caracter de novidade; com elle vinham os verdadeiros principios da recitação theatral. O nosso actor foi o seu discipulo amado. De 1851 data a instrucção dramatica de Joaquim Augusto. É indispensavel a todo aquelle que se dedica á vida de actor adquirir, se não

completa, ao menos sufficiente lição, conhecimento das linguas, da historia, da geographia, etc. Emilio Doux instruiu em pouco tempo o moço artista, que, apesar de ignorante ainda, havia conquistado a aura popular só pelo seu talento. E comtudo, apesar dos progressos do seu estudo, e o que é mais, do applauso publico, foi despedido do theatro de S. Pedro de Alcantara, já n'esse tempo restaurado do incendio de 9 de agosto de 1851. A que devemos attribuir essa despedida *tão pouco urbana?*...

Foi por esse tempo que Joaquim Augusto deliberou visitar a provincia de S. Paulo. Havia muito que o seu coração de artista sonhava com os encantos d'esta terra abençoada, onde deram os primeiros passos tantas celebridades brasileiras, como os tres Andradas, Feijó, Alvares de Azevedo e outros. Referir as ovações que o joven actor recebeu n'esta cidade fôra querer contar, folha a folha, os ramos da sua refulgente coroa. Em S. Paulo prezam-se as artes pelo que ellas valem.

No correr de 1855, negocios de familia o chamaram á bella e heroica provincia do Rio Grande do Sul, onde se demorou até 58.

Voltando de novo á corte, foi ainda contratado pelo emprezario de S. Pedro, João Caetano, e pouco depois despedido tambem descortezmente! Este escandalo causou-lhe uma tristeza mortal.

Reanimou-o, porém, a paternal amizade de seu antigo mestre Emilio Doux. Incitado pela coragem que nunca abandona os espiritos privilegiados, eil-o de novo erguido nas azas da esperança, desprendendo o vôo para a Bahia. Ahi novos loiros, novos espinhos, novos triumphos, novos desalentos. A platéa illustrada coroava-o, a imprensa victoriava-o; e entretanto as discordias que lavravam entre os actores seus collegas affligiam-n'o e vexavam-n'o. Teve de voltar outra vez á corte, indo escripturar-se na companhia do Gymnasio. O despeito da empreza do theatro de S. Pedro contra a do Gymnasio, por ter contratado Joaquim Augusto, o excitou a dar um desmentido cabal a seus inimigos perante o povo fluminense, que tanto prezava o seu talento. Joaquim Augusto desvelou-se por mostrar que o homem de arte não mira só ao ganho, nem especula com interesses vis. O seu empenho era mais nobre e glorioso. O papel de *Laroque*, no magnifico drama de Femllet, *O moço pobre*, foi creação d'elle n'esse tempo, e um dos triumphos mais notaveis, se não o mais esplendido, que temos visto na scena. Aquelle caracter typico do octogenario, representado por Joaquim Augusto, é inimitavel. Quando se vê entrar o velho trémulo e aguilhoado pelos remorsos, não se sabe a quem admirar mais, se ao artista, se ao auctor.

Eguaes successos o acompanharam nos dramas: *Pedro*, *Honra da Familia* e outros.

Mas não tardou muito que a tormenta viesse atalhar os seus triumphos. A morte do emprezario, e o desmembramento da companhia, o levaram ao extremo de querer abandonar outra vez a corte. Joaquim Augusto teve sempre uma terra de predilecção, que é S. Paulo. Para aqui pretendia elle vir quando seus irmãos de arte o rodearam, pedindo-lhe que os guiasse com o seu nome e intelligencia para a formação de uma nova empreza. Surgiu então a «Sociedade Dramatica Nacional». O nosso actor foi infatigavel. Como todo o homem verdadeiramente amante do seu paiz, trabalhou quanto pôde, e talvez mais do que podia, para dar impulso á litteratura dramatica, tão rachitica até então.

O que elle alcançou, e quanto lhe deve a arte scenica, é hoje confessado por todos. Muitos dramas e comedias nacionaes subiram á scena sob seu auspicio; muitas vezes até á custa de immensos sacrificios pecuniarios.

Não foram baldados d'esta vez os seus esforços. O publico fluminense soube galardoal-o com uma demonstração espontanea, e mui significativa, por ser de um publico illustrado, e por isso mesmo exigente. Na noite de 23 de setembro de 1861, na récita da inauguração do Gymnasio, foi-lhe offerecida uma medalha de oiro, que tinha por legenda: *Ao restaurador do Gymnasio Brasileiro.*

Uma das peças em que mais sobresaíu por esse tempo foi a *Penélope Normanda*. No papel que ahi representa é que se póde admirar quanto Joaquim Augusto é senhor da scena, e quão bem conhece a arte de interpretar as paixões humanas.

Ainda no *Pelotiqueiro* representou scenas de inimitavel sentimento. Nos *Homens Serios* foi egualmente insigne, e do mesmo modo applaudido e laureado.

Infelizmente para a arte, infelizmente para o artista, e ainda mais para o paiz, a empreza do Gymnasio, apesar de todos os seus mal compensados sacrificios, caíu. Manejos ignobeis motivaram esse desastre. Quebrantado por tantas e tão repetidas decepções, o nosso actor voltou novamente as suas vistas para a provincia de S. Paulo.

IV

No dia 18 de fevereiro de 1862, Joaquim Augusto, com magoa do seu bondoso coração, deixava a empreza do Gymnasio, a filha dilecta da sua alma.

A população inteira de S. Paulo sentiu um estremecimento de alegria ao saber da proxima chegada do actor que n'outras eras tantas palmas lhe havia merecido. Com Joaquim Augusto não vinha só um artista eminente, vinha uma companhia, vinha a regeneração completa do theatro, ainda tão mingoado de recursos n'esta provincia.

A primeira noite que o actor pisou o palco foi notavel nos fastos da scena paulistana. Joaquim Augusto reappareceu cheio de gratidão, de vida e de enthusiasmo.

Era chegada a epocha de se restabelecer entre nós a arte dramatica. As esperanças do publico manifestavam-se nas demonstrações repetidas da platéa. Quando o actor foi chamado á scena, e calorosamente victoriado, depois de receber as coroas e flores que lhe choviam aos pés, recitou uma bella poesia de sua composição, em que traduziu fielmente a gratidão que lhe ia n'alma. Os espectadores ouviam-n'o com religioso silencio; e não era facil discriminar quem estava mais commovido, o auctor ou os ouvintes.

Começa finalmente a regeneração, um pouco tardia, do theatro de S. Paulo. Desappareceu o velho *pardieiro* [1] do largo de Palacio, onde n'outras eras, de triste recordação, os nossos antigos capitães generaes applaudiam delirantemente as *espirituosisismas* farças de cordel, talvez na mesma hora em que o bom rei D. João VI, acordando na *casa da opera*, perguntava aos seus validos — «*Já casaram esses bebedos?*»

As noites agora não serão já aquella eternidade de tédio e fastio que d'antes soiam ser. Já a população corre pressurosa aos espectaculos; já as familias, ainda bem, se não condemnam á insipida clausura das rotulas e gelosias, que, para descredito do seculo XIX, ainda ha bem pouco entaipavam as nossas casas. S. Paulo é hoje uma cidade polida; tem um *alcaçar lyrico*, um *circo equestre*, e sobre tudo uma *companhia dramatica*, talvez a melhor e mais completa do Brasil. Hão de perguntar-nos acaso se tudo isto é obra do actor a que nos estamos referindo? Entendemos que sim, em grande parte. Desenvolver o gosto pela arte, e principalmente pela arte dramatica, trabalhar para o seu florescimento, não é por ventura chamar a at-

[1] Está-se fazendo um grande e excellente theatro (o de S. José) com sumptuosas accommodações, e de fórmas agigantadas. Virá a concluir-se?...

tenção do povo para o bello, e inspirar-lhe a idéa do sublime?

Diga-se ainda uma vez para reprehensão d'aquelles que nos desdenham. S. Paulo é já uma das mais importantes cidades do imperio. Mostra-o o que fica expendido; e sobre tudo a maneira honrosa por que sabe galardoar o verdadeiro merecimento.

Joaquim Augusto tem aqui visto os seus sacrificios coroados dos mais brilhantes resultados. Tem levado á scena muitos dramas em que já d'antes havia representado, sendo dignos de especial menção: *Os Mineiros da desgraça*, *Moça rica*, *Luxo e vaidade*, peças nacionaes: *Filha do lavrador*, em que interpreta admiravelmente o papel de *Champloux*, tão cheio de inesperados lances, a que elle sabe dar vida e interesse; e sobre tudo o *Africano*, cuja idéa capital é tirada do inimitavel *Frei Luiz de Sousa*, do V. de Almeida Garrett. Quasi todas as scenas d'este drama são de maravilhoso effeito. O artista creou para si o papel de *Keid*. E é este o da sua mais especial estimação. Foi o drama do seu beneficio. Applaudido enthusiasticamente, veiu á scena, onde flores, grinaldas, poesias, e avultados presentes lhe testimunharam o preço em que o tem o publico paulistano. N'esta noite foi-lhe dada uma preciosa medalha de oiro com a seguinte inscripção: *A Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa, restaurador do theatro de S. Paulo.*

V

O actor Joaquim Augusto é dotado de agradavel presença, mui sympathico e affavel no trato familiar. Possue as mais felizes disposições para a arte que professa. Physionomia aberta e franca, voz doce, e a dicção correcta, esmero que tem adquirido com o estudo, para não desmentir o vaticinio de Emilio Doux, que o preconisára como o primeiro entre os seus companheiros.

Como homem particular é generoso e caritativo. Ama seus irmãos d'arte com dedicação. Não ha muito que o habil clarinete Raphael Croner teve occasião de reconhecer esta verdade. Joaquim Augusto fez por elle tudo que um bom amigo podia fazer; e no entanto era a primeira vez que o via. O artista portuguez retirou-se summamente agradecido ao brasileiro, e o publico ficou admirando a generosidade de um, e o não vulgar talento musical do outro.

Deve-se dizer ainda que o actor é, além de tudo, poeta, e tem escripto versos de muito merito. Nunca os publicou. Quem sabe quantas amarguras tem evitado!

Terminarei esta noticia da vida de Joaquim Augusto relatando um facto que retrata perfeitamente a sua feição moral. Quando o artista consentiu que se fizesse este escripto, disse-me rindo: — «Já que o quer faça-o; mas não se esqueça de affirmar que sou filho de um alfaiate pobrissimo, e não de um fidalgo, como já se lembraram de dizer. Se o honrado velhinho, que ainda vive, soubesse d'isso, que golpe mortal não sentiria!»

Accrescentarei ainda o extracto de uma carta que me dirigiu ultimamente:

«Desde o dia em que cheguei a S. Paulo, o meu trabalho e vida são-lhe patentes.

«Peço que não se esqueça de dizer que oiço pessimamente desde a edade de quatro annos. (Já se vê que o *ponto* é para Joaquim Augusto uma coisa inutil. Fal-o calar desde que entra em scena).

«Quanto ao mais, espero... o que espero eu? Espero a realisação da prophecia de Emilio Doux, se o governo quizer lançar os olhos sobre o theatro; do contrario supponho que terei de voltar as costas a Melpomene e Thalia, para ir vender cebolas ou aguardente, adquirindo assim direito a ser *juiz de paz* na minha freguezia!»

S. Paulo, 25 de setembro de 1863.

F. Quirino dos Santos.

PONTE DO RIO LIMA

(Vid. pag 337)

VIAS MILITARES ROMANAS; VIA DE BRAGA A ASTORGA POR PONTE DO LIMA; PONTE D'ESTA VILLA; E O ARRABALDE D'ALÉM DO RIO.

A ponte, que dá communicação da villa para o arrabalde, e passagem á estrada real que segue para Valença, é uma das melhores e mais notaveis que ha no reino. Neste genero de monumentos em que o nosso paiz é pobre, occupa esta ponte um logar distincto pela sua origem romana, pela solidez com que foi reconstruida em epochas remotas da monarchia portugueza, pela sua structura guerreira, e, póde dizer-se, pela sua magnificencia em relação aos tempos.

A primeira fundação da ponte devia ser obra do imperador Augusto Cesar, visto que foi este soberano quem mandou abrir a estrada de Braga a Astorga por Ponte do Lima. Sendo esta via militar uma das principaes da Lusitania, não só é provavel, mas póde julgar-se certo, que a ponte se edificou ao mesmo tempo.

Segundo a opinião de um nosso escriptor que se deu ao estudo da historia e antiguidades da ribeira do Lima, onde teve o berço [1], conservava-se ainda no seu tempo a primeira ponte, que diz ser o lanço que ia desde a torre velha até ao arrabalde. Este lanço, que não existe presentemente, ficava fóra da corrente do rio, mas explicam isto, dizendo que o Lima no correr dos seculos, e por effeito das cheias no inverno, mudára n'aquelle sitio o seu leito, encostando-se mais á margem esquerda; e querem que antigamente pertencesse a esta margem o espaço agora occupado pelo rio, de modo que a capella do Anjo da Guarda, que é antiquissima, e se erguia proximo da *torre velha*, ficasse n'essa epocha da parte da villa.

Não nos conformâmos com esta opinião, porém não a combateremos por duas razões mui fortes: a primeira, porque este logar não é proprio para controversias archeologicas, que sempre são para a maioria dos leitores mais fastidiosas do que amenas; a segunda, que talvez devesse ir na dianteira, porque, conhecendo Ponte do Lima apenas de passagem, com poucas horas de demora, ha mais de doze annos, não nos julgâmos sufficientemente habilitados para enunciar e sustentar a nossa opinião contraria ao que sobre esta materia tem escripto alguns auctores nacionaes, tidos com boa nota de zelosos investigadores das antiguidades patrias.

Á falta de noticias ácerca das vicissitudes por que passou a ponte romana, é forçoso dar um salto de muitos seculos sobre a sua historia, até chegarmos ao reinado de D. Pedro I. Este soberano, referem as chronicas antigas, *reedificou* a ponte. Deve entender-se por conseguinte que reedificou a ponte romana. Pelo menos não nos consta que os reis seus antecessores fizessem n'aquelle sitio fundação ou reconstrucção de ponte alguma. E se nos tempos anteriores á monarchia, e posteriores á quéda do imperio romano, se procedeu a qualquer obra de ponte, é mais provavel que fosse reconstrucção da antiga do que nova fundação, pois que bem sabido é que as construcções dos romanos tinham a solidez precisa para resistirem ao embate do tempo em longo curso dos seculos.

Depois do reinado de D. Pedro I não tornámos a encontrar noticia d'aquella ponte senão no começo do seculo XVI, em que el-rei D. Manuel a mandou novamente *reedificar*. As memorias d'esta epocha, da qual tanto se escreveu, referem simplesmente que el-rei D. Manuel reedificára a dita ponte. Se a ponte actual fôra fundação d'este monarcha, como pretende o auctor dos *Estrangeiros no Lima*, Damião de Goes, chronista e criado do mesmo soberano, não deixaria de

[1] Manuel Gomes de Lima Bezerra na sua obra os *Estrangeiros no Lima*.

dar noticia de tão importante obra na chronica del-rei D. Manuel, na qual consagrou um capitulo ás fundações e principaes reedificações emprehendidas por este rei. Pela mesma razão devemos crer que se a reconstrucção feita por D. Manuel tivesse sido tão completa, que equivalesse quasi a uma nova fundação, não se esqueceria de a mencionar o seu chronista, que de outras fallou de menor vulto.

Em fim para se fazer um juizo mais seguro ácerca d'este monumento era preciso, pelo menos, examinal-o com miuda attenção, e investigar no archivo da camara do Ponte do Lima a ver se apparecia algum documento que esclarecesse a questão. Não falla d'estas duas condições, e por conseguinte sem termos uma opinião assentada a tal respeito, apenas podêmos dizer que nos inclinâmos a suppor que a ponte actual, em todo o seu comprimento, é a dos romanos, reconstruida, talvez, quasi completamente, por D. Pedro I, e reparada por el-rei D. Manuel.

Tem esta ponte vinte e quatro arcos, dezeseis ogivaes e os outros de volta redonda. Erguiam-se n'esta ponte duas altas torres quadrangulares, uma na extremidade do sul, dando entrada para a villa, a outra quasi a dois terços do comprimento da ponte para o lado do norte. D'esta continuavam mais sete arcos até ás primeiras casas do arrabalde. Estes sete arcos eram os que o auctor acima citado pretende que constituiam a ponte romana.

As duas torres eram similhantes. Occupavam toda a largura da ponte, de modo que se entrava ou saía d'esta por baixo d'ellas. A do lado do arrabalde era chamada desde tempos antigos *torre velha*, prova evidente de ser muito mais antiga do que a outra. Esta ultima, pela sua estructura, não podia ser obra del-rei D. Manuel, pois que n'essa epocha já não se construiam fortificações d'esse genero sem serem adaptadas ao uso da artilheria. Em taes circunstancias deveremos attribuir a torre do lado da villa á reedificação da ponte por el-rei D. Pedro I, e então será forçoso convir que a *torre velha* era obra muito anterior, talvez romana, embora reparada uma ou mais vezes no decurso dos tempos.

Ambas as torres eram coroadas de ameias, e assim eram tambem as guardas da ponte até aos fins do seculo passado.

Infelizmente foram demolidas modernamente as duas torres. Para dar mais desafogo á ponte despojaram-n'a do seu mais bello attributo de antiguidade, roubaram-lhe a feição original, que lhe dava um aspecto guerreiro da edade media.

Chama-se o arrabalde *Rua d'Além da Ponte*, porque primitivamente apenas constava da rua que faz seguimento á ponte. Depois cresceu tanto a povoação, que ao presente conta perto de 400 fogos, e pouco menos moradores terá do que a villa, que encerra mais de mil e duzentos.

Não sabemos se esta povoação teve a mesma origem do *Forum Limicorum* dos romanos (Ponte do Lima), mas presume-se que existia no tempo d'esta, e n'este caso d'ella lhe veiu o seu principio. O que é certo é ser tão antiga a sua parochia, da invocação de Santa Marinha de Arcozelo, que, dizem, fôra doada á sé de Tuy por Theodomiro, rei dos suevos, no meiado do seculo VI. Esta doação foi confirmada por D. Affonso Henriques, sendo infante, e por sua mãe, a rainha D. Theresa, no anno de 1125. Reinando D. Affonso V, conseguiu este soberano do papa Eugenio IV, que a parochia de Santa Marinha de Arcozelo, e outras, fossem desannexadas do bispado de Tuy, ao qual até então pertenciam, e encorporadas no bispado de Ceuta, em razão de ter limitadissimo territorio.

Em 1514 a mitra primacial de Braga alcançou, por troca que fez com o bispo de Ceuta, as parochias da ribeira do Lima até ás do Minho, fazendo d'ellas uma comarca ecclesiastica, com a villa de Valença por cabeça e séde de um vigario.

A egreja de Santa Marinha tem tido muitas reedificações, e nada contém que mereça menção. Está situada na extremidade da povoação mais afastada do rio.

Tem o arrabalde varias casas nobres, e diversas ermidas, algumas das quaes podem, por sua grandeza, intitular-se egrejas. A de *S. Gonçalo*, mui concorrida de romagens, está n'uma situação deliciosa, em meio de um souto de carvalhos, e visinha das margens do Lima. A *capella de Nossa Senhora do Carmo*, edificada sobre a ponte junto ao logar onde se levantava a *torre velha*, e a *capella do Anjo da Guarda*, tambem proxima do rio, e muito frequentada de romarias, são muito antigas, especialmente a segunda.

Além d'estas ha outras ermidas de bastante antiguidade na povoação e nos montes visinhos, que a seu turno encerram algumas antigualhas. O *monte de Agra* tem por baixo, e a pouca distancia da ermida de Santa Justa, o castello arruinado da Formiga, e o monte de Santo Ovidio, onde se acha a capella d'este santo, mostra em differentes sitios vestigios de edificios romanos.

Na raiz de um oiteiro, mas em terreno elevado, e contiguo á povoação, vê-se o *convento de Valle de Pereiras*, fundado pelos annos de 1360 para habitação dos religiosos de S. Francisco, e mudado em clausura de freiras da mesma ordem no anno de 1515, por bulla do papa Leão X, e a rogos de D. Guiomar Ferreira, religiosa no convento de Santa Clara de Villa do Conde, e filha de Martim Ferreira, senhor da antiga casa de Cavalleiros.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

57.º

As sciencias, as artes e a philosophia da actualidade estão para as sciencias, as artes e a philosophia transactas, como a historia para a fabula, e o positivo para o imaginario; logo, é nos livros mais recentes, e nos que ainda se hão de ir fazendo, que as havemos de estudar. O contrario fôra trancar as janellas ao sol para trabalhar á luz da candeia. Estes livros da gente viva, e vivos elles mesmos, tem as suas palavras, as suas fórmulas, o seu estilo, que a pouco e pouco se tem vindo formando, e seguindo os lentos e successivos progressos das idéas que n'elles se enthesouram; taes palavras, taes fórmulas, tal estilo, podem portanto haver-se por naturaes relativos e por accidentes inseparaveis da ideologia, do saber e da dialectica dos nossos dias. Esta linguagem, que é innegavelmente para nós um progresso, como sem duvida seria um retrocesso para os nossos descendentes, contém portanto uma norma de que nos não devemos apartar, a não querermos ser absurdos, e ver os nossos escriptos desprezados ou escarnecidos.

Mas como por outra parte a vernaculidade, tão em demasia transcurada pelos estudiosos das coisas e nimio desprezadores da locução, nem por isso deixa de ser uma incontestavel e grandissima virtude, companheira e fiadora de muitas outras, em gosto vernaculo nos procuraremos imbuir, folheando a miudo, quando mais não seja, os volumes, aliás menos substanciaes e sobejas vezes incorrectos dos nossos bons velhos. É o que sempre fizeram os mais excellentes espiritos de cada seculo, sem exceptuar os primeiros escriptores das eras mais florescentes e afamadas em sciencia e litteratura.

IRIS CLASSICO.